

FUX, Jacques. Nobel. São Paulo: José Olympio, 2018. 128p.

Darlan Roberto dos Santos*

Em tempos de *fake news*, vislumbrar a questão dos falseamentos pelo viés da literatura pode ser bastante instigador. Esta é a proposta do mineiro Jacques Fux, que, com **Nobel** (editora José Olympio, 2018), chega a sua quinta incursão literária. Desde sua primeira obra, e na esteira de outros autores e declarados mestres inspiradores (tais como Georges Perec e Jorge Luis Borges), o jovem escritor parece ter encontrado, na obnubilação entre o factível e o factóide, o terreno fértil para disseminar sua imaginosa concepção da realidade.

Trata-se de uma trajetória ainda incipiente (mas, já marcada por passos significativos), que conta com a autoficção **Antiterapias** (editora Scriptum, 2012), a qual lhe garantiu o Prêmio São Paulo de Literatura de 2013; **Brochadas: confissões sexuais de um jovem escritor** (editora Rocco, 2015), menção honrosa no Prêmio Cidade de Belo Horizonte, na categoria Romance, e o controverso relato sobre loucos e gênios judeus **Meshugá** (editora José Olympio, 2016). Antes disso, Jacques, que é matemático e pós-doutor em Literatura Comparada, com passagem pela Universidade de Harvard, como pesquisador visitante, lançou a tese acadêmica **Literatura e Matemática: Jorge Luis Borges, Georges Perec e o OuLiPo** (editora Perspectiva, 2011). Como se percebe, o apreço pelos amálgamas é intrínseco ao autor, assim como a pulsão rumo aos enevoamentos entre ficção e realidade.

Com **Nobel**, Fux conserva a tradição abarcada de seus preceptores, ao falsear verdades – ou, como queiram, conceder

* Faculdade Santa Rita / Faculdade de Direito de Conselheiro Lafaiete. Doutor em Literatura comparada pela UFMG.

veracidade às suas mentiras. A obra segue a linhagem de mesclas e fusões e, como o título sugere, tem, como mote, o prêmio Nobel de Literatura. Jacques Fux é o primeiro brasileiro a receber tal honraria (ao menos, na falseada existência que ele nos traz) e, ao longo do texto, apresenta-nos o seu discurso de agradecimento, que acaba se transformando em um misto de desabafo-confissão-reflexão... e deboche.

Eis aí outra marca da literatura de Fux, capaz de potencializar sua habilidade em revelar “verdades perturbadoras”, (in) convenientemente marcadas por alto teor satírico. Trata-se, inclusive, de uma das principais justificativas para a concessão do Nobel ao brasileiro: “Por ter performado, falsificado e duplicado a narrativa dos escritores canônicos, transformando-a em sua perturbada obra” (FUX, 2018, p. 6), revela a láurea ofertada a Jacques e reproduzida no livro. Se suas lucubrações são perturbadoras ou perturbadas, cabe ao leitor julgar...

O fato é que **Nobel** diverte (e nos convida a refletir), ao apresentar-se como um discurso/relato rico em críticas (ao cânone, à estrutura que sustenta a “grife” do prêmio Nobel, ao machismo no meio erudito, só para citar alguns tomos) e acontecimentos (ou seriam *fake news*?!), que compõem o folclore da mais vasta literatura e de seus grandes representantes. Neste sentido, Fux não está sozinho. Como em seus livros anteriores, a intertextualidade e a menção a célebres intelectuais são abundantes em **Nobel**. Borges, Gabriel García Márquez, Vargas Llosa e Coetzee, entre tantos outros, são revisitados (e nunca poupados) pela escrita mordaz do autor, que dispensa a parcimônia, até mesmo ao falar de si mesmo. Há, afinal, um quê de Rousseau em Fux:

Todo escritor é pedante, insolente, arrogante, vaidoso.
Essa é sua essência. E, mesmo que ela seja velada, não
há como escondê-la. Permitam-me, portanto, expor,

escancarar e assolar o lado obtuso, clandestino, furtivo e maldito — mas essencial para a criação — da nossa casta de escritores. Se a função da arte é desvelar a alma, as vicissitudes e a experiência humana, eu vos ofereço o seu âmago”. (FUX, 2018, p. 10)

Deste modo, ainda nas primeiras páginas de **Nobel**, ele promete desvelar – a si mesmo e a seus pares. E assim o faz, alertando, porém, que é um dos “grandes invencionistas” (FUX, 2018, p. 92). Portanto, crer na veracidade de suas palavras está fora de cogitação. Podemos, entretanto, confiar na voracidade de sua ironia (o que, convenhamos, acaba sendo bem mais interessante).

Com efeito, não há que se buscar exatidão ou autenticidade nas “confissões” do narrador; nem nas peripécias relatadas acerca de si mesmo, tampouco nos episódios envolvendo outros escritores (muitos deles, seus “colegas”, vencedores do prêmio Nobel). Então, relevemos (ou, relativizemos) as conquistas amorosas, afetos e ojerizas proferidos pelo discursante. O próprio adianta-se em sua defesa:

Tenho consciência de que, em breve, acusações de assédio, misoginia, plágio, e também feminismo, ostracismo, falta de lirismo, serão endereçadas a mim. Ficções serão subvertidas para falarem da minha privacidade e da minha ignorância. Confesso: eu e todos os meus personagens somos culpados. Há sangue em minhas mãos. Mas eu me escondo na autoridade que agora a Academia me confere. (FUX, 2018, p. 27)

Perspicaz em seu texto, irônico em seu estilo, entremeando fatos e devaneios, Jacques prontamente lembra que seus maiores álibis são o sarcasmo e o falseamento: “Aqui faço colocações miseráveis, falsas e canalhas” (FUX, 2018, p. 57). Logo, o que imprime originalidade ao pronunciamento do laureado

é justamente a intermitência entre as mentiras verídicas e as verdades falseadas. Ademais, a tônica de sua nova empreitada literária reforça o estilo do autor mineiro e seu repertório, catalisando várias questões por ele exploradas anteriormente (como a cultura judaica, o encantamento pelas mulheres e o fascínio pela loucura – além, é claro, da paixão pela Literatura).

A certa altura de seu discurso, o narrador menciona Osamu Dazai, o “poeta do desespero”: “o samurai do alcoolismo, do vício em narcóticos e dos muitos casos e surubas extraconjugais conseguiu se matar em 1948 — após quatro tentativas. Sim, colegas, foram quatro tentativas” (FUX, 2018, p. 62). Sobre Dazai, Jacques prossegue: “toda a sua produção foi uma longa nota de suicídio” (FUX, 2018, p. 62).

Porquanto, analogamente, tal como o escritor japonês, que, como analisa Fux, repercutiu em todas as suas publicações a obsessão pela morte, fazendo delas uma espécie de “ode ao autoextermínio”, o mineiro mantém-se fiel ao propósito assinalado desde sua estreia no mundo das letras, de “invencionar”, indiscriminada e despudoradamente. Após fabular a própria infância, as conquistas amorosas e a vida de notáveis e “loucos” intelectuais, Jacques chega ao ápice, celebrando o recebimento de seu Nobel.

Toda essa jornada, deliciosamente coroada com o galardão da Academia sueca, remete-nos a Jorge Luis Borges (ironicamente, nunca agraciado com o Nobel), segundo o qual os escritores sempre compõem a mesma história, sob diferentes nuances, prevalecendo, no entanto, o talento para fazerem isso repetidas vezes, mitificando seu próprio fazer literário. Se assim for, Jacques Fux ratifica, com seu mais recente livro, a vocação para falsear, mesclar pitorescas narrativas a instigantes reflexões.

Seu intuito talvez seja apenas entreter-se (e nos entreter) com a arte de fingir: “Também não pretendo redigir nenhum ensaio crítico sobre uma suposta Literatura Mundial, *World Literature*, *Weltliteratur*. Pro inferno com ela! Só estou aqui para me divertir. Para aproveitar este momento único” (FUX, 2018, p. 67). Sendo assim, e guiando-nos pelo trecho da Eneida, de Virgílio, inscrito na medalha do Nobel de Literatura (“Aos inventores das artes graciosas que a vida embelezam”), pode ser que exista, de fato, verossimilhança na destinação do prêmio a Jacques Fux – ao menos, em seu delirante universo (pseudo) ficcional.

Recebido em: 24/09/2020 // Aceito em: 6/12/2020